

A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E A MÍSTICA DA TERRA

Marlene Barbosa de Freitas Reis

Resumo: Neste artigo apresentamos como objeto de estudo a pedagogia da alternância como uma proposta de trabalho que busca valorizar os bens simbólicos das famílias rurais, respeitando os valores culturais destes grupos. Partimos da origem desta prática pedagógica na França e sua expansão até chegar ao Brasil e, mais especificamente, ao município de Goiás. Apresentamos uma reflexão sobre os bens simbólicos do homem do campo, trazendo o significado da relação mística do homem com a terra. Nosso objetivo é investigar se a pedagogia da alternância contribui para perpetuar a relação mística do homem com a terra, atribuindo valores simbólicos a esta relação que, para nós, encontra-se imbricados no que chamamos de identidade coletiva das famílias agricultoras ligadas aos movimentos sociais de luta pela terra e pela educação.

Palavras-chaves: Alternância, Mística, Cultura.

Introdução

Este artigo integra nossa pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento. Partimos das perspectivas da pedagogia da alternância como proposta educativa que na interface entre trabalho e educação visa contribuir para a formação integral dos jovens provenientes de famílias agricultoras.

O objetivo deste estudo é investigar se a pedagogia da alternância contribui para perpetuar a relação mística do homem com a terra, atribuindo valores simbólicos a esta relação que, para nós, encontra-se imbricados no que chamamos de identidade coletiva das famílias agricultoras ligadas aos movimentos sociais de luta pela terra e pela educação.

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida na Escola Família Agrícola localizada no município de Goiás onde há cerca de um ano e meio estamos realizando a observação desta prática e coletando dados empíricos para análises.

Trata-se de um estudo qualitativo, tendo em vista o contato direto e prolongado que temos com o ambiente pesquisado, bem como o caráter social da pesquisa. De acordo com Ludke e André (1986, p. 18) “o estudo qualitativo é o que se desenvolve

numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Desse modo, além da observação participante na Escola Família Agrícola, realizamos entrevistas semiestruturadas com pessoas diretamente ligadas ao processo de implantação da escola no município de Goiás. Para registrar as entrevistas, bem como as análises e observações feitas, temos utilizado um gravador de áudio para em seguida, digitalizar as mesmas para análise.

É sob este espectro que faremos um breve esclarecimento sobre as origens da Pedagogia da Alternância para que possamos compreender e fazer este entrecruzamento de perspectivas e olhares: a Pedagogia da Alternância e a mística da terra.

Pedagogia da Alternância: origem e fundamentos metodológicos

Tendo como objeto de pesquisa a pedagogia da alternância e suas contribuições para a formação integral do jovem, acreditamos ser necessária a reconstrução da trajetória histórica que constituíram os alicerces desta prática educacional.

Segundo Queiroz (2006) a primeira experiência em pedagogia da alternância aconteceu na França sob o nome de Casa Familiar Rural. Esta proposta tinha como objetivo trabalhar com filhos de agricultores e contribuir para a manutenção da identidade camponesa.

A primeira experiência com a Pedagogia da Alternância surgiu na França, na década de 1930, na região de Lot-et-Garonne. Depois de um trabalho de dois anos em Sérignac-Péboudou, iniciou-se a primeira Casa Familiar de Lauzun, em 1937, a qual recebeu mais tarde o nome de Casas Familiares Rurais (CFRs) (...). O surgimento das CFRs na França faz parte de um processo de organização, reflexão, de algumas organizações, movimentos e pessoas. (QUEIROZ, 2006, p.16).

Estes movimentos de pessoas a quem o autor se refere, diz respeito às famílias de agricultores que, junto à Igreja, buscavam formas de contribuir com a educação, cultura e identidade camponesa, bem como de participar da reconstrução social e econômica da França no período que se passou entre as duas guerras mundiais.

De acordo com as considerações feitas por Nascimento (2005), na década de 1930 a França ainda se encontrava sob os efeitos da crise de 1929, que abalou toda a economia europeia. Nesse sentido, houve uma queda na produtividade (que durou alguns anos) e isso afetou vários setores da economia francesa, inclusive a agricultura. Segundo o autor, os pequenos agricultores foram abandonados pelas políticas públicas, que deram espaço para que as monoculturas ganhassem maior força e espaço.

Naquele período de reconstrução econômica do país, era inquestionável a situação de dificuldade pela qual passavam os trabalhadores rurais, especialmente os que se destinavam à agricultura familiar.

Com tantos problemas eminentes, a questão de proporcionar estudo para os filhos era importante, porém secundária dada à necessidade de participação de todos os componentes da família na produção agrícola. Para Nascimento (2005), as famílias tinham duas opções: permitirem que seus filhos estudassem na cidade, abandonando a cultura de que faziam parte; ou ficarem no campo, sem estudar, mas auxiliando a família nos trabalhos agrícolas que lhe eram pertinentes. A segunda opção acabava sendo a mais conveniente, já que a dificuldade financeira em que se encontravam as famílias dificultava para que estas mantivessem os filhos estudando na cidade.

Neste contexto de desigualdades sociais e dificuldades das famílias rurais para proporcionarem estudo aos seus filhos alguns grupos de pessoas ligadas à igreja católica e membros do Secretariado Central de Iniciativas Rurais deram início a reuniões e debates sobre educação rural francesa, conforme pontua Queiroz (2006). Para estes grupos, era preciso pensar uma fórmula original que contribuísse com a reconstrução social e econômica da França no período que se passou entre as duas grandes guerras, bem como uma proposta que atuasse junto à agricultura baseada na produção rural familiar.

O autor acrescenta ainda que

[...] nos países e nas regiões onde há Centros que trabalham com a Pedagogia da Alternância, eles surgiram em virtude da necessidade de uma educação que fosse instrumento de luta e de organização para os agricultores conquistarem a terra ou nela permanecerem (QUEIROZ, 2006, p. 16).

É nesse sentido que a pedagogia da alternância tem uma característica que pretende ir além de uma metodologia de ensino para assumir o que nesta pesquisa

chamamos de identidade coletiva. Segundo sua origem, o trabalhador rural busca uma educação que contribua para a formação desta identidade, que leve os estudantes, oriundos de propriedades rurais a pensar este espaço além dos critérios geográficos.

Sendo assim, a pedagogia da alternância apresenta-se como uma metodologia de ensino que procurava atenuar as dificuldades vivenciadas pelas famílias rurais francesas. Tratava-se de uma iniciativa das famílias e de membros da Igreja que idealizaram uma estratégia para que os jovens pudessem estudar e auxiliar a família na produção agrícola ao mesmo tempo. Criou-se uma forma alternativa de ensino: os alunos passavam uma semana na escola e uma semana em suas propriedades junto à família. Essa alternativa ganhou força à medida que incorporou aos conteúdos curriculares normais, adaptações à realidade vivida pelos alunos. Desse modo, o trabalho prático, bem como as teorias voltadas para a agricultura familiar foram sendo incorporadas ao currículo escolar deste modelo de escola.

Queiroz (2006) ressalta que depois da França a experiência das Casas Familiares Rurais se expandiu pela Europa iniciando-se na Itália, em 1961, chegando à Espanha, em 1966, e em Portugal, no ano de 1985. Além de expandir-se pelos países europeus esta experiência espalhou-se pelo mundo todo ainda no século XX e continua se propagando no século XXI. No Brasil, ela foi implantada nos moldes das experiências italianas entre os anos de 1968 e 1969 no Estado do Espírito Santo.

É importante ressaltar que, para Queiroz (2006), há uma diferença entre a proposta de pedagogia de alternância francesa e italiana: enquanto na França esta experiência surgiu como Casas Familiares Rurais (CFRs), na Itália elas surgem como escolas e dando ênfase à questão da escolaridade, Escola Família Agrícolas (EFAs). E, embora na Itália também haja o apoio da Igreja Católica, houve uma participação mais incisiva de homens políticos.

A proposta pedagógica em alternância seria uma forma de atenuar as dificuldades vividas por famílias agrícolas no que se refere à formação intelectual de seus filhos. Entretanto cabe-nos enfatizar que a ideia partiu da inquietação das próprias famílias com o apoio da Igreja e que, com exceção do desenvolvimento da pedagogia da alternância na Itália, não houve participação do governo na implantação desta prática pedagógica.

Segundo Queiroz (1997), entre 1965 e 1968 surgiu no Espírito Santo um trabalho comunitário com a participação de várias forças sociais através da atuação do Padre Humberto Pietrogrande, onde foram instaladas as primeiras Escolas Famílias com base na experiência italiana. De acordo com o autor, neste período foi criada na Itália a Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo (AES), que tinha como objetivo realizar um intercâmbio cultural entre os dois países. Para isso, jovens brasileiros foram enviados à Itália para conhecer a realidade da pedagogia da alternância; bem como técnicos italianos vieram para o Brasil e contribuíram para a criação do Movimento de Educação promocional do Espírito Santo (MEPES).

Entre os objetivos do MEPES destacavam-se o oferecimento de uma educação gratuita que contribuísse para a elevação social do agricultor do ponto de vista religioso, intelectual, técnico, sanitário e econômico. Sendo assim, em 1969 por meio do MEPES e da Associação dos Amigos do Estado Brasileiro do Espírito Santo (AES) foram implantadas as primeiras experiências de Escola Família Agrícola, fundamentadas na pedagogia da alternância.

Surgimento da Escola Família Agrícola de Goiás: breves considerações

Após a instalação da pedagogia da alternância no Estado do Espírito Santo, a proposta se disseminou por outros estados brasileiros, dividindo-se e diferenciando-se de acordo com a orientação: aquelas que eram desenvolvidas de acordo com as experiências italianas eram designadas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs); e aquelas que eram instaladas sob orientação das experiências francesas foram nomeadas de Casas Familiares rurais (CFRs).

A história da Escola Família Agrícola de Goiás (EFAGO) traz em suas raízes uma profunda ligação com a luta pela terra no Estado de Goiás. À medida que muitas famílias rurais, inseridas em projetos de Assentamento ou de pré-assentamentos, lutavam pela posse definitiva das terras que ocupavam, buscavam ainda, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Igreja, uma escola que se adequasse às necessidades desses grupos.

Foi assim, entre lutas e questionamentos por parte das próprias famílias que a Escola Família Agrícola de Goiás foi inaugurada na região da Cidade de Goiás com o

objetivo de atender aos jovens do Vale do Rio Vermelho, que abrange os municípios de Goiás, Itapirapuã e Itaberai.

A pedagogia da alternância apresenta uma proposta de trabalho que, como já dissemos, pretende adequar-se às necessidades das famílias rurais que se dedicam à agricultura familiar. Nesse sentido, o Projeto Político Pedagógico desse modelo de escola conta com o apoio de instrumentos que se caracterizam como partes fundamentais para a implantação desta proposta. Nascimento (2005) apresenta um panorama dos instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância, que são fundamentais para compreender de que forma esta proposta viabiliza a formação integral dos jovens.

Neste modelo de escola, o professor é denominado monitor. Trata-se de um profissional que está diretamente ligado à formação do jovem/aluno, mas que atua não somente na sala de aula ministrando os conteúdos. Ele deve participar das diversas atividades educativas que a experiência em alternância proporciona, posicionando-se como um educador em tempo integral.

O Plano do Estudo (P.E.) é um dos instrumentos pedagógicos utilizados na Pedagogia da alternância. Trata-se de um roteiro de pesquisa elaborado pelos monitores que tem o objetivo de trazer realidade vivida por cada aluno para ser discutida com o grupo. O P.E. é apresentado e discutido com os alunos ao final de cada sessão-escola (período em que os alunos passam na escola) e levado para ser pesquisado junto às famílias dos educandos, bem como com a comunidade a que este pertence. Após a sessão-casa (período em que os alunos passam em suas propriedades junto às famílias) os alunos trazem o resultado da pesquisa realizada (P.E.) e as discussões acerca dos problemas levantados fazem parte do outro instrumento pedagógico denominado Colocação em Comum (C.C.).

A C. C. é o momento de apresentação de resultados, de questionamentos e problemáticas vivenciadas pelos alunos em suas comunidades. É neste momento que o grupo discute as possíveis soluções para os problemas vivenciados nas comunidades representadas pelos alunos.

O Caderno de Realidade (CR) é utilizado como um instrumento de registro das reflexões feitas no decorrer do ano letivo. Funciona como um diário de bordo do pesquisador, que anota as reflexões e descreve situações que lhe sejam importantes.

As Visitas e Viagens de Estudo servem para que o educando possa comparar as realidades vividas por comunidades diferentes, bem como refletir em grupo sobre possíveis soluções para os problemas enfrentados. O mesmo ocorre com as Visitas às famílias, que pretende aproximar os monitores e as famílias envolvidas na proposta de estudo e estimular a reflexão sobre as necessidades dos grupos atendidos.

O Estágio faz parte da proposta pedagógica e acontece durante o período de férias escolares: os alunos passam cerca de duas semanas em uma propriedade diferente da sua, observando e auxiliando nas atividades agrícolas desta propriedade para que possam ter outras experiências da prática agrícola.

As Intervenções Externas são aulas, palestras, dinâmicas, apresentação de práticas diversificadas trazidas por agentes externos, como alunos de universidades, professores de outras escolas; entre outros e acontecem durante a sessão-escola sob os cuidados dos monitores.

A Avaliação é feita em grupo. Ao final de cada sessão-escola alunos e monitores se reúnem para fazer um levantamento dos pontos positivos e negativos da sessão para que possam ser repensados para as próximas sessões.

O Serão acontece durante o período noturno: trata-se de aulas complementares diversificadas com dinâmicas ou filmes que contemplem algum assunto importante para a reflexão coletiva.

Para finalizar esta breve exposição dos instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância, temos o Trabalho Prático, que é um instrumento próprio da alternância. São períodos em que os alunos realizam trabalhos práticos: horticultura, apicultura, avicultura, suinocultura, entre outros afazeres da prática agrícola.

É importante ressaltarmos que todos esses instrumentos apresentados acontecem sob a orientação dos monitores, que devem a partir deles planejar e replanejar suas aulas levando em consideração as dificuldades apontadas.

Observando todos os instrumentos e práticas que fazem parte do cotidiano das EFA's, notamos que vários fatores são considerados relevantes na formação do aluno. Percebemos que a proposta de ensino contempla as experiências trazidas por cada aluno

e que estas são vivenciadas no cotidiano escolar e compartilhadas com as demais experiências apresentadas.

Neste sentido, acreditamos que a pedagogia da alternância possui instrumentos que viabilizam a formação integral do jovem, respeitando a sua cultura e sua identidade, uma vez que proporciona uma educação que leva em consideração a vida, a comunidade, a família de seus educandos.

Para Brandão (1995) misturamos a vida com a educação todos os dias, em todos os lugares em que passamos: na igreja, na escola, em casa; estamos sempre aprendendo. Ela é “uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre outras invenções de sua cultura, em sua sociedade” (p.10). Portanto, a educação é múltipla, acontece em diversos espaços e as questões sociais que envolvem os seres são fundamentais em um processo educativo que envolve muito mais que livros, salas de aula e professores; trata-se de levar em consideração a cultura e os saberes que são compartilhados por grupos sociais.

Os instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância proporcionam esta troca de experiência, respeitando a identidade agrícola dos jovens atendidos, sua relação com a terra, com seus valores culturais. Nesse sentido, buscamos compreender como se dá esta relação com a terra para depois retomarmos na instrumentalidade pedagógica da proposta a presença ou não desta relação.

A relação mística do homem com a terra

A palavra mística é carregada de significados. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que ela está carregada de um simbolismo que a conecta diretamente com a identidade camponesa, com os valores que o homem do campo traz em relação ao uso da terra.

Para Pessoa (1997, p.27), “a vida no campo é exuberante não só na produção de bens materiais – a ‘fatura’ de que tanto se orgulha o camponês – mas é igualmente copiosa na produção de bens simbólicos”. Em seu texto, o autor articula as ideias na intenção de mostrar estes bens simbólicos que representam o homem do campo: sua felicidade em estar na terra, trabalhar com a terra. O retorno do homem para o campo é o resgate da memória do agricultor que em algum momento da história foi expropriado de suas terras.

De acordo com este autor, quando o agricultor, por meio de lutas coletivas, consegue seu espaço no campo, sua parcela no projeto de assentamento significa muito mais que ter um lugar para viver e plantar, e ter um convívio mais tranquilo com a família. O autor afirma ainda que este retorno é a retomada de mitos milenares em que os camponeses denominavam a terra como “terra-mãe”.

A volta para a terra não se define para eles somente pelos aspectos negativos que eliminam de suas histórias de vida. O reatamento com a terra é povoado de momentos de profundo prazer, de convivialidade plena com as energias vitais da natureza. Estando de novo na terra – o lugar de onde muitos saíram um dia – podem gozar da prodigalidade dos campos, rios e matas; podem usufruir copiosamente do canto dos pássaros a cada manhã e a cada entardecer; podem tornar a acompanhar cotidianamente a dinâmica vital das plantas e dos animais (PESSOA, 1997, p. 1997).

Para o autor, este estreitamento dos laços entre o homem e a natureza é o que define o camponês. E é neste estreitamento que acreditamos estar situada a relação mística do homem com a terra.

Retomando o significado da palavra mística, veremos que assim como a questão do simbólico – evidenciada por tantos teóricos e carregada de tantos significados – ela também está situada no campo das interpretações. Nesse sentido, quando apresentamos a pretensão de compreender a relação mística do homem com a terra, teremos que buscar os significados desta palavra para então trazer para este universo.

Ao retratar o assunto, Pinto (2011) afirma que a mística surgiu na Igreja Católica com a Teologia da Libertação na década de 1980. O autor afirma que havia neste período o costume de iniciar os encontros com uma dinâmica de motivação que mais tarde teria sido denominada mística. Aos poucos, com o trabalho da Igreja junto aos movimentos sociais rurais, a mística foi ganhando um tom mais específico, ligados ao próprio movimento de luta dos trabalhadores sem terra. Assim, ela tornou-se uma encenação que simbolizava a luta pela terra. Foram incorporados à mística, símbolos como foice, bandeira, bíblia, entre outros elementos que poderiam ser utilizados como metáforas da luta pela terra.

Sendo assim, este conceito de mística apresentado pelo autor está relacionado à questão simbólica do uso de imagens e encenações que seriam utilizadas para motivar o trabalhador rural na luta pela terra.

Segundo Nascimento e Martins (2008, p.110) “a mística é uma adesão pessoal a um projeto de vida a ser vivido em comum por um grupo social, ou seja, por um determinado coletivo de pessoas”. Assim, a mística está diretamente relacionada aos valores que os grupos sociais carregam, fazendo parte da identidade cultural dos mesmos.

A concepção de mística apresentada por Comilo e Brandão (2010) em um texto sobre a educação do campo, mostra que a questão da mística está relacionada aos valores e costumes camponeses

a mística nos movimentos sociais do campo, em todo Brasil, é exemplo de preservação da cultura e dos costumes, preservando os valores que os constituíram para além das questões meramente práticas e visuais, como os costumes ou a organização do espaço. (COMILO e BRANDÃO, 2010, p.5).

Em uma entrevista realizada com Dom Tomás Balduino, ele esclarece que a mística é uma questão muito mais ampla e traz consigo os valores indígenas e quilombolas, que vislumbram uma organização social diferenciada do ponto de vista cultural e econômico. Para exemplificar esta questão, Dom Tomás, denomina o consumismo capitalista de contra-valores.

Mística: valorizar o mundo rural, de interligar com o mundo indígena, o mundo quilombola, de maneira a trazer para a nossa sociedade o conjunto da nossa organização social; os valores que acabam sendo um pouco perdidos devido a ingerência de contra-valores.

Segundo Dom Tomás, o homem do campo busca viver de acordo com princípios mais simples, numa realidade sustentabilidade e harmonia com a natureza, com a terra. E, na intenção de mostrar como a Pedagogia da Alternância se insere nesta perspectiva diferenciada de educação, ele pontua que

o que importa no caso é de reconhecer o valor da alternância, reconhecer valores próprios do mundo agrícola, do lavrador(...). Ela adquiriu uma feição própria do lavrador, em que ele sendo sujeito, ele tem que dar a marca própria. Aí a alternância não é simplesmente horário, é uma alternância em que se começa a levantar valores, culturas, ligada com a história passada que a história camponesa é uma história muito rica. Nós temos toda uma história própria dos lavradores e que isso entra aí em consideração no caso dessa alternância, não é só simplesmente de deixar uma escola modelo

acadêmico para passar para uma escola modelo serviço, atividade rural, mas uma escola em que a alternância valoriza de modo especial o lado camponês. Trata de uma coisa mais profunda que é a valorização de um universo que ficou sempre oculto, sempre esquecido, e menosprezado como sendo o ignorante, como sendo de pouca cultura, ou sem cultura nenhuma.

A partir dos depoimentos de Dom Tomás, notamos que para ele, a pedagogia da alternância apresenta-se como uma proposta que leva em consideração os valores culturais existentes no campo; que a proposta é muito mais que a consolidação de uma escola no campo: é uma escola para o campo, destinada a contar a história deste povo como uma história rica de acontecimentos e aprendizado.

Diante dos apontamentos feitos por Queiroz (1997), Pessoa, (1997) e Nascimento (2005), é possível perceber que a proposta pedagógica da Alternância traz consigo esta perspectiva de consolidação de valores culturais das famílias rurais, posto que os instrumentos pedagógicos que se fazem presentes contribuem para a identificação destes valores. Nesse sentido, acreditamos que, quando a Pedagogia da Alternância se propõe a cultivar esses valores presentes na identidade das famílias rurais, está proporcionando que esta relação mística do homem com a terra seja respeitada e valorizada.

Considerações finais

Vimos que os instrumentos de trabalho utilizados na pedagogia da alternância têm a intenção de valorizar a cultura camponesa, trazendo para o espaço escolar os problemas vivenciados na comunidade para que os mesmos possam ser debatidos em grupos. A partir dos debates, pesquisas e conhecimento das diferentes realidades, busca-se por meio de ações educativas, encontrar solução para as questões apresentadas pelos educandos.

Acreditamos que esta prática favorece ao educando uma maior assimilação do jovem aos bens simbólicos, que tanto foram questionados e cobrados pelos movimentos sociais do campo ao reivindicarem uma educação que corroborasse com esses valores, que os levassem em consideração. Desta forma, agregando valores culturais e respeitando as raízes, a pedagogia da alternância vai ao encontro das considerações de Arroyo (1999), ao ressaltar que

os processos educativos acontecem fundamentalmente no movimento social, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana. E a escola, que tem a fazer? Interpretar esses processos educativos que acontecem fora, fazer uma síntese, organizar esses processos educativos em um projeto pedagógico, organizar o conhecimento, socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, dar instrumentos científico-técnicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade. A escola, os saberes escolares são um direito do homem e da mulher do campo, porém esses saberes escolares têm que estar em sintonia com os saberes, os valores, a cultura a formação que acontece fora da escola. (ARROYO,1999, p. 14).

Tendo em vista que a pedagogia da alternância nasceu a partir dos movimentos sociais de luta pela terra e por uma educação que respeitasse sua história, a proposta de trabalho tem como objetivo viabilizar esta educação sugerida pelo autor.

Desta forma, tendo como objeto de nossas investigações identificar se a pedagogia da alternância contribui para perpetuar a relação mística do homem com a terra, atribuindo valores simbólicos a esta relação; podemos dizer que sim: na medida em que coloca como prática pedagógica a pesquisa de campo, e a partir desta reconstrói o planejamento, levando em consideração além do conhecimento científico os saberes cotidianos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A educação do ser humano realizada no diálogo entre fé e cultura. In: GONLAVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs). *Concílio Vaticano II: análises e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

ARROYO, Miguel Gozales; FERNANDES, Bernardo Mançano. *A educação básica e o movimento social no campo*. Brasília: DF. 1999. Disponível em: <http://educampoparaense.eform.net.br/site/media/biblioteca/pdf/Colecao%20Vol.2.pdf>. Acesso em: 07/08/13.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação* (Coleção primeiros passos); 33ª ed.; São Paulo: Brasiliense, 1995.

COMILO, Maria Edi da Silva.; BRANDÃO, Elias Canuto. *Educação do campo: a mística como pedagogia dos gestos no MST*. Rev. Eletrônica de Educação. Ano III. Nº 06, jan/jul. 2010. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2011/8/371_469_publipg.pdf. Acesso em 13 de maio de 2014.

LUDKE, Menga e ANDRÉ Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. (Cap. 2 e 3 – p. 11 a 44).

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy; MARTINS, Leila Chalub. *Pedagogia da Mística: as experiências do MST*. Emancipação, Ponta Grossa, 8(2): 109-120, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/Dialnet-PedagogiaDaMisticaAsExperienciasDoMST-4025652.pdf>. Acesso em 22 de junho de 2014.

_____, Claudemiro Godoy do. *A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, 2005.

_____, Claudemiro Godoy do. *Educação no campo e Escola Família Agrícola de Goiás: o caminhar da teimosia de um movimento social educativo*. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.8, p.79-95, jan./abr. 2003.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Ajuntando cacos: A conquista da terra como reconstituição do simbólico*. IN: Fragmentos de Cultura, Vol. 7. Goiânia: 1997, p. 25 – 40.

_____, Jadir de Moraes. Extensões do rural e educação. In: PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). *Educação e ruralidades*. Goiânia: Editora da UFG, 2007.

PINTO, João Rodrigues. Metáforas na luta pela terra. Ver. Letras, Artes e Comunicação. ISSN 1981-9943 Blumenau, v. 5, n. 3, p. 287-301, set./dez. 2011. Disponível: [file:///C:/Users/cliente/Downloads/2796-11452-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/cliente/Downloads/2796-11452-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 12/07/14.

QUEIROZ, João Batista. Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs): origem e expansão pelo mundo, no Brasil e no Centro-Oeste. In: QUEIROZ, J. B. P.; SILVA, V. C. e; PACHECO, Z. (org.). *Pedagogia da Alternância Construindo a Educação no campo*. Goiânia: Ed. Da UCG; Brasília, Ed. Universa, 2006.

_____, João Batista Pereira de. *O processo de Implantação da Escola Família Agrícola (EFA) de Goiás*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.